



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA – MODALIDADE A DISTÂNCIA

CARLOS AUGUSTO DA SILVA

POR UM AMBIENTE ESCOLAR NÃO VIOLENTO

JOÃO PESSOA - PB

2019

CARLOS AUGUSTO DA SILVA

POR UM AMBIENTE ESCOLAR NÃO VIOLENTO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – Modalidade a Distância, do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes.

JOÃO PESSOA - PB

2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586p Silva, Carlos Augusto da.
 Por um ambiente escolar não violento / Carlos Augusto
da Silva. - João Pessoa, 2019.
 038 f. : il.

 Orientação: Edson Carvalho Guedes.
 Monografia (Graduação) - UFPB/Educação.

 1. Ambiente escolar, sociedade, restaurativa. I.
 Guedes, Edson Carvalho. II. Título.

UFPB/BC

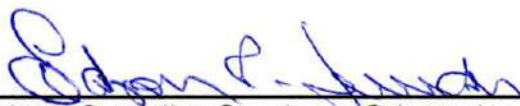
CARLOS AUGUSTO DA SILVA

POR UM AMBIENTE ESCOLAR NÃO VIOLENTO

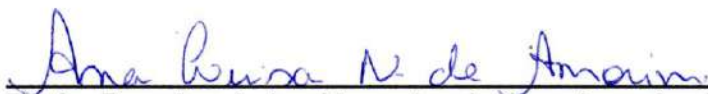
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia – Modalidade a Distância, do Centro de Educação (CE), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

APROVADO EM: 29 de novembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Edson Carvalho Guedes – Orientador (UFPB)



Profa. Dra. Ana Luisa Nogueira de Amorim – Avaliadora (UFPB)

Profa. Dra. Tatiana de Medeiros Santos – Avaliadora (UFPB)

João Pessoa - PB

2019

Dedico este trabalho a minha mãe, Letice - que infelizmente não está mais entre nós. Ela, que atuou como pedagoga por natureza, me ensinando tudo o que fosse possível, na tentativa de me 'fazer' um cidadão íntegro e partícipe ativo na sociedade.

AGRADECIMENTOS

Em todas as fases da vida, nas ações, nos planos, nos desejos e vontades a que nos propusermos a realizar, precisaremos da companhia, da colaboração e orientação de pessoas.

Dessa forma, agradecemos imensamente a todo o corpo docente – verdadeiros mestres - da UFPB, onde contamos com pessoas brilhantes, de grande caráter e empreendedoras, de uma sociedade partícipe, de um processo de enriquecimento do conhecimento e que, com toda atenção, nos atenderam com dedicação, com muita paciência, esmero e sabedoria, colaborando grandemente para a consolidação deste nosso e de tantos outros sonhos de incontáveis alunos que se formaram.

Agradecemos a Coordenação do nosso curso de Pedagogia, do Centro de Educação – que sempre nos recebeu, atendendo solicitações, orientando inclusive em momentos considerados críticos.

Agradecemos ainda, a todos os servidores do Polo de Conde – PB, sempre presentes nas nossas demandas. Essas pessoas nos apresentaram a possibilidade de fazer parte de uma graduação através de uma universidade pública muito bem conceituada, a UFPB.

O início da revolução educacional que precisamos começa com manifestações de amizade e comprometimento, de competência, solidariedade e amor.

(CHALITA, 2004)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 ITINERÁRIO METODOLÓGICO.....	10
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
3.1 A escola como um edifício (espaço físico).....	12
3.2 A escola como um contexto de trabalho.....	14
3.3 A escola como um tempo.....	15
4 VIOLÊNCIA ESCOLAR: CONCEITOS, RAÍZES E PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO.....	16
4.1 Conceitos e raízes.....	16
4.2 O enfrentamento da violência no ambiente escolar: entre teorias e práticas.....	17
5 ENTRE OS MUROS DA ESCOLA: APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE.....	21
5.1 Caracterizando o ambiente escolar pesquisado.....	21
5.2 Sinais de violência, entre sutilezas e evidências.....	25
5.3 A educação na solução de conflitos e de construção de relações de respeito.....	26
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
7 REFERÊNCIAS.....	34
ANEXOS.....	35

RESUMO

O tema escolhido visa compreender o ambiente escolar, afetado por casos de intolerância social, de bullying, de racismo, de violências diversas, de porta de entrada para o mercado do tráfico de drogas e, quais as possíveis medidas que podem ser tomadas para criarmos um ambiente de não violência, promovendo e disseminando o conhecimento científico, a criatividade artística, o pensamento crítico e a evolução social do alunado. Tem como objetivo analisar práticas de violência e não-violência que se manifestam em uma escola pública da cidade de Cabedelo-PB. Neste TCC foram pesquisados trabalhos de ALARCÃO, 2001; ABRAMOVAY, 2002; CHAVES, 2014; NUNES, 2011; PRIOTTO, 2008. Foram compreendidos a caracterização do ambiente escolar pesquisado; sinais de violência, sutilezas e evidências; e, a educação na solução de conflitos e de construção de relações de respeito. Utiliza como metodologia a pesquisa exploratória. Nele, foram estudadas as agressões mais comuns percebidas por profissionais e alunos de uma escola, as possíveis causas deste distúrbio comportamental bem como de sugestões para solucionar estas ocorrências diárias.

Palavras-chave: Ambiente escolar, sociedade, intolerância, restaurativa, preventivas.

1 INTRODUÇÃO

O tema deste estudo teve como ponto de partida a preocupação com o ambiente escolar, afetado nos últimos anos, por casos de intolerância social, de bullying, de racismo, de violências diversas, de porta de entrada para o mercado do tráfico de drogas. Essas inquietações nasceram por ocasião das atividades do Estágio Supervisionado desenvolvidas na Escola Municipal Noêmia Alves de Souza, do município de Conde-PB, em uma turma do 5º Ano, turno da tarde, entre os meses de abril a maio deste ano letivo (2019). No entanto, este trabalho de TCC foi realizado em uma escola do município de Cabedelo-PB, a Escola Municipal Paulino Siqueira, Camalaú, em uma turma do 6º Ano, também no turno da tarde, entre os meses de setembro e novembro de 2019, contando também com a participação de funcionários durante a realização dos questionários.

Essa experiência foi fundamental para a nossa formação, enquanto estudante de Pedagogia. Foi a partir da convivência com estudantes e professores(as) nessa primeira escola, que nasceu o interesse em pesquisar sobre a “Violência no ambiente escolar”. Temos, nós professores e demais profissionais ligados a educação pública no Brasil, notado uma geração de alunos vulneráveis à violência, sobretudo, ao bullying, nas escolas de todo Brasil, que estão cada vez mais suscetíveis a serem envolvidos ou, a se envolverem em ações violentas.

A escolha do tema foi motivada pelo índice de ocorrências violentas em ambiente escolar, onde os atos e origens das violências promovidas pelo alunado estão diretamente relacionados com a reprodução de uma sociedade de tradições machistas, sexista, opressoras e segregadoras.

Por fazer parte do “nosso” cotidiano e rotina de trabalho são perceptíveis diversas situações violentas, sejam através de agressões que nosso alunado compreende ou aceita como uma espécie de diversão, sejam de fato, agressões mais sérias, quando as ditas brincadeiras evoluem para situações descontroladas, onde surgem palavras que se identificam como bullying, empurrões, socos, pontapés, entre outras agressões.

Entendemos como violências também as situações enfrentadas pelos docentes - onde nos percebemos incluídos -, sendo físicas, morais, de sensação da falta de total respeito. Essa situação de mal estar e violência precisa ser compreendida, levando em conta o contexto social, marcado por condições

precárias de sobrevivência, sejam pelas condições de moradia, oportunidades de emprego, ausência do Estado nas áreas de saúde, segurança e assistência social.

Diante dos inúmeros desafios enfrentados por adolescentes, jovens e adultos, muitos acabam por buscar atalhos, ignorando o cumprimento das leis, do respeito ao seu semelhante e gerando um ambiente hostil para si e para as pessoas próximas do seu contexto familiar e social. A escola que, em épocas passadas ainda se resguardava da violência que havia em seu entorno, acabou sendo atingida. A violência ultrapassou os muros da escola, criando um ambiente educacional, muitas vezes, marcado pela insegurança e instabilidade.

A partir dessa percepção, nossa e de outros(as) professores(as) com quem convivemos no cotidiano escolar, passamos a nos interessar sobre as possíveis medidas que pudessem ser tomadas para criarmos uma ambiente de não violência, promovendo e disseminando o conhecimento científico, a criatividade artística, o pensamento crítico e a evolução social do alunado.

Este estudo buscou compreender este fenômeno, identificando possíveis causas do problema da violência escolar e arriscando, a partir de tantos pesquisadores(as), foram apresentadas algumas pistas ou caminhos de superação da violência ou com vistas a um ambiente escolar mais respeitoso, em que os conflitos possam ser administrados de modo mais dialógico e responsável.

Esta pesquisa teve como objetivo geral o de analisar práticas de violência e não-violência que se manifestam em uma escola pública da cidade de Cabedelo-PB. Com vistas a alcançar este objetivo, nos debruçamos em três objetivos intermediários ou específicos: o da compreensão dos fatores desencadeantes da violência escolar na opinião de estudiosos sobre o assunto; o diagnóstico do que os estudantes entendem por práticas de violência e de respeito ao outro; e, o da análise de algumas práticas desenvolvidas pelos(as) membros da escola com relação ao enfrentamento da violência.

Nesse sentido, o estudo foi dividido do seguinte modo: A parte introdutória, com algumas características deste TCC. A segunda - capítulo dois -, indicando seu Itinerário Metodológico. O capítulo três, onde apresentamos o Referencial Teórico sobre o Ambiente Escolar. O capítulo quatro, com contextos relacionados à Violência escolar: conceitos, raízes e perspectivas de superação. O capítulo cinco, com dados e análises - resultados da pesquisa. Por fim, temos as considerações finais, a título de conclusão e referências, que embasaram o trabalho.

2 ITINERÁRIO METODOLÓGICO

Este estudo teve como objetivo investigar a problemática da violência em ambiente escolar – uma escola pública do município de Cabedelo-PB – e constituiu-se de uma Pesquisa qualitativa. Quanto ao tipo de pesquisa, esta investigação é uma Pesquisa exploratória.

Pesquisa exploratória é quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51-52).

A coleta de dados foi desenvolvida em três instrumentos: uma Ficha de observação em relação ao espaço físico da escola e, de um Questionário destinado a membros da escola e outro Questionário para o alunado participante do processo. Acreditamos que por meio da observação do cotidiano escolar seja possível conhecer a escola em seu espaço físico. Para a observação do ambiente escolar, elaboramos uma ficha com os principais aspectos a serem observados.

Para a Ficha de observação, consideramos importante atentar para as seguintes informações:

1. A escola está situada junto à Comunidade?
2. A Comunidade faz uso do prédio da escola em algum momento?
3. O prédio tem sinais de depredação, pichações ou outro tipo de violência?
4. A escola dispõe de espaços livres para a interação entre os alunos?
5. Quais os espaços utilizados pelos estudantes nos tempos livres? Esses espaços favorecem a interação e brincadeiras entre eles? (ou é proibido pela escola?).

Fizemos uso, também, de um Questionário (Levantamento Amostral) destinado a uma das supervisoras (Anexo I), aos (às) estudantes (Anexo II) e, o Termo Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo III). O questionário, para Moreira (2002) está inserido no conceito de Levantamento Amostral.

O Levantamento Amostral para Moreira (2002, p. 30) “é um procedimento sistemático para coletar informações que são usadas para descrever, comparar ou explicar fatos, atitudes, crenças e comportamentos”. O Levantamento Amostral

sempre envolve um questionário que pode ser de vários tipos, sendo neste caso - da Escola Paulino Siqueira -. O mais apropriado, segundo Moreira (2002, p. 40) é o do tipo questionário passado a um grupo de respondentes ao mesmo tempo, pois, “às vezes, por comodidade, é possível administrar o questionário a vários respondentes ao mesmo tempo. Isso pode acontecer quando o grupo se encontra no local por uma razão, como numa escola (...)”.

As perguntas dos questionários, com pequenas alterações, conforme os respondentes, foram as seguintes:

1. A escola é percebida pelos estudantes e profissionais como um ambiente de trabalho?
2. É possível verificar um ambiente de convivência e cooperação entre os estudantes, professores e demais profissionais?
3. Como os conflitos entre os estudantes são administrados?
4. Você já presenciou ou percebeu algum tipo de violência na escola? Descreva algumas situações que você presenciou.
5. Como a escola reagiu diante desses casos?

Para o questionário aplicado entre os alunos, inserimos algumas questões com o objetivo de identificar os respondentes: idade, sexo, série, anos que já está freqüentando a escola, bairro em que mora. Os resultados de todo esse material estão no capítulo cinco, que trata dos resultados e análise da pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

As causas da violência escolar envolvem uma série de fatores, internos e externos ao contexto institucional em que o processo de ensino-aprendizagem acontece. Não é nosso propósito, nesta pesquisa, investigar as causas externas geradoras da violência escolar. Sabemos que esta está relacionada a uma cultura de violência, de injustiça social, de ausência de políticas públicas eficazes voltadas para a educação e segurança pública.

Nossa intenção é compreender um pouco da realidade escolar, como as práticas de violência se evidenciam e, sobretudo, buscar identificar caminhos de superação desta violência. Assim, consideramos que, compreender o que constitui o ambiente escolar seja o ponto de partida, buscado perceber o que é possível realizar por gestores e educadores neste ambiente para a superação da violência.

Dentre os textos estudados, um ganhou destaque, o livro organizado por Isabel Alarcão, intitulado *Escola reflexiva e nova racionalidade*, mais especificamente, o capítulo de autoria da própria autora, com o título *A escola reflexiva*. Neste, ela concebe a escola como um “local, um tempo e um contexto educativo” (ALARCÃO, 2001, p. 16). Apresentamos, a seguir, o que a autora entende por estas dimensões ou concepções.

3.1 A escola como um edifício (espaço físico)

Existem vários modos de percebermos a instituição escolar. Alarcão (2001) concebe a escola, antes de tudo, como um espaço: “um lugar, edifício circundado, defasado em relação às concepções de formação, às formas de gestão curriculares e às exigências do relacionamento interpessoal” (ALARCÃO, 2001, p. 16).

Seguindo nesta linha de entendimento, temos uma reflexão:

Como são as nossas escolas: edifícios onde apenas existem salas de aula? Ou também há nelas espaços de convívio, de desporto, de cultura, de trabalho em equipe, de inovação e experimentação? Que espaços permitem ligações informáticas para manter a escola em interação com outras escolas, outras instituições, outros países, com o conhecimento hoje disponibilizado de novas formas? Será que as escolas possuem locais que permitam a aprendizagem cooperativa e autônoma? E espaços que favoreçam a flexibilização de atividades docentes e discentes? (ALARCÃO, 2001, p. 16).

O espaço físico construído até hoje, na maioria das vezes, para ser utilizado como escola, deixa evidente o quanto são desconsideradas as necessidades dos seus usuários. São aparentemente apenas prédios com paredes, salas com móveis, portas e janelas com grades e que se diferenciam dos demais prédios por terem as carteiras e lousas. O espaço não é projetado para a interação de sujeitos envolvidos na construção do conhecimento.

Ainda, segundo questionamentos de Alarcão (2001), “as escolas se localizam longe ou perto das comunidades? – e que tipo de relação estabelecem com essas comunidades?” (*Ibidem*, p. 17). Esta preocupação alerta para a necessidade de haver um diálogo entre escola e comunidade, pois o espaço escolar não está separado do contexto geográfico e social, no qual ela está inserida.

É importante que a comunidade circundante reconheça a escola como uma instituição e um espaço que também pertencem às famílias e organizações próximas. Convém que possibilite o uso de suas instalações pela comunidade, que possam utilizar o ambiente escolar para a promoção de eventos como a realização de festividades infantis, para a promoção de serviços de saúde prestados por unidades de saúde da região próxima da escola, a realização de cursos profissionalizantes para a comunidade, entre outras atividades em que a comunidade possa ser beneficiada.

Essa interação constrói uma concepção de escola cidadã, envolvida com a formação não somente dos seus estudantes, mas colaboradora de práticas sociais humanizantes e democráticas. A reflexão desenvolvida pela autora constitui pilares fundamentais para compreendermos o ‘engessamento’ a que estes lugares são submetidos ao longo de séculos de políticas públicas falaciosas. Para a autora,

pesa verificar o cansaço e o desânimo manifestados por tantos professores que, em alguns países mais do que em outros, mas de uma maneira geral em todos, sentem-se solitários, desapoiados pelos dirigentes, pelas comunidades e pelos governos (ALARCÃO, 2001, p. 16).

É comum encontramos discursos proferidos por gestores governamentais sobre a educação, com comentários, nem sempre positivos. Enaltecem a importância da educação, reafirmam sempre a sua importância para a sociedade, mas, infelizmente, tais discursos não vêm acompanhados de políticas públicas com

a amplitude e as necessidades que a população apresenta, uma educação de qualidade, que venha realmente promover o desenvolvimento humano.

Assim, a autora em destaque, reforça a significância da educação, “a educação é fonte de desenvolvimento humano, cultural, social e econômico” (ALARCÃO, 2001, p. 16). Contudo, o que temos visto na prática é que as ações direcionadas às escolas são de pequeno efeito, pois a inovação nas práticas pedagógicas não acompanha o desenvolvimento que a sociedade precisa, sobretudo, na forma como esta sociedade tem se relacionado (entre si própria), e interagido com o seu meio nos últimos anos.

3.2 A escola como um contexto de trabalho

Com um olhar mais crítico, e percebendo a estrutura da escola podemos verificar que não se trata apenas de um edifício, um espaço de conhecimento, mas é também um contexto de trabalho.

Trabalho para o aluno. Trabalho para o professor. Para o aluno, o trabalho é a aprendizagem em suas várias dimensões. Para o professor, é a educação na multiplicidade de suas funções. Não se aprende sem esforço, e as crianças e os jovens precisam aprender a se esforçar, a trabalhar, a investir no estudo, na aprendizagem, na compreensão (ALARCÃO, 2001, p. 17).

Esta afirmação reforça a ideia a respeito do trabalho como um contexto do ambiente escolar, do esforço que professores e alunos devem manter para continuarem aprendendo e promovendo conhecimento. Sem estas atividades não haverá aprendizagem, não haverá a perpetuação do conhecimento. Dessa forma, ainda segundo a autora, a escola é ainda um ambiente de exigente tranquilidade e de conscientização do lugar que cada um deve desempenhar.

A escola tem de ser a escola do sim e do não, onde a prevenção deve afastar a necessidade de repressão, onde o espírito de colaboração deve evitar as guerras de poder ou competitividade mal-entendida, onde a crítica franca e construtiva evita o silêncio roedor ou a apatia empobrecedora e entorpecedora (*Ibidem*, p. 17).

Dentro deste contexto, de prevenção para afastar a necessidade de repressão, se inserem práticas desenvolvidas pela metodologia de “Não-Violência”

ou de “Cultura de Paz”, promovida pela Justiça Restaurativa¹. Esta prática teve início por volta dos anos 1999, por meio de propositura da ONU (Organização das Nações Unidas), e tem sido cada vez mais empregada para solucionar conflitos praticados em diversos ambientes, onde a humanidade se insere e promove desrespeito entre si própria, e dentre estes ambientes está, o escolar.

3.3 A escola como um tempo

E, em uma visão temporal, além de espaço, a escola pode ser concebida, literalmente como um tempo. “Um tempo que passa para não mais voltar. Um tempo que não pode ser desperdiçado. Tempo de quê? De curiosidade a ser desenvolvida e não estiolada” (ALARCÃO, 2001, p. 18).

O tempo empregado e vivido na escola tem sido cada vez mais questionado, pois, é nele onde serão desenvolvidos e aplicados conceitos pedagógicos essenciais ao desenvolvimento cognitivo do estudante. É o lugar onde serão formadas as futuras gerações da sociedade. É neste momento (tempo), onde serão desenvolvidas atividades lúdicas e escolares e, iniciativas serão despertadas a acontecerem.

É nesta escola, onde se desenvolvem habilidades diversas como observação, experimentação, associação, memorização, de iniciativas, de descobertas. O tempo não para e tem forte significado. Ele é também: “tempo da convivência saudável e de cooperação” (ALARCÃO, 2001, p. 18). Nesta escola apresentada por Alarcão (2001), o tempo também promove “turbulência”. E ainda, a escola tem a função de preparar cidadãos, mas não pode ser pensada apenas como tempo de preparação para a vida. Ela é a própria vida, um local de vivência da cidadania.

¹ Justiça Restaurativa é uma técnica de solução de conflito e violência que se orienta pela criatividade e sensibilidade a partir da escuta dos ofensores e das vítimas. <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/138/edicao-1/justica-restaurativa>.

4 VIOLÊNCIA ESCOLAR: CONCEITOS, RAÍZES E PERSPECTIVAS DE SUPERAÇÃO

4.1 Conceitos e raízes

De acordo com Abramovay (2002), conceituar violência escolar se tornou tarefa árdua, uma vez que nenhum conceito chega a ser consensual entre os pesquisadores. Para a autora,

O que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, da posição de quem fala, professores, diretores, alunos (...), da idade e do sexo; sendo, portanto, uma conceitualização *ad hoc* mais apropriada ao lugar, ao tempo e aos atores que a examinam (ABRAMOVAY, 2002, p. 93).

De toda forma, alguns avanços na conceitualização de violência escolar foram alcançados. Abramovay (2002) faz referência à classificação de Charlot (1997), para os tipos de violência escolar, que de acordo com este autor, está classificada em três níveis:

i) a violência – golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo; ii) incivildades – humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito; iii) violência simbólica ou institucional – falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos; a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos (CHARLOT, 1997, *apud* ABRAMOVAY, 2002, p. 93).

Como se observa, embora tenhamos uma conceituação “popular” e mais generalizada para o entendimento do termo violência escolar, esta não se conceitua facilmente, pois inúmeros contextos sociais, culturais e ‘situacionais’ influenciam no seu próprio conceito, criando diversos tipos de violência que serão definidos por estas circunstâncias.

Essa mesma dificuldade em conceituar esse tipo de violência (ambiente escolar), também é encontrada em se evidenciar a sua origem. Ela pode está ligada a outros tantos fatores, sejam eles familiares ou, a ausência da família, a situações de dificuldades financeiras, podem está relacionados à convivência com familiares

envolvidos na prática de diversos tipos de crimes, como roubos, aproximação a ambientes de consumo de álcool, tráficos de entorpecentes, de armas, em homicídios, na prostituição, entre outros. Conforme Abramovay (2002, p. 94), “a violência deixa de estar relacionada apenas com a criminalidade e a ação policial, passando a ser alvo de preocupações ligadas à miséria e ao desamparo político”.

Para parte do alunado em situação de risco, em ambiente que seja considerado como tal (sem assistência e sem o aparelhamento governamentais), notamos que a falta de lazer influencia na formação de um contingente de jovens suscetíveis à violência, às suas causas e consequências. Neste sentido, Abramovay (2002, p. 37), destaca que o “lazer pode associar-se tanto a estímulo como a antídoto contra violências”.

É sem dúvidas uma das possíveis “soluções” para o enfrentamento das violências geradas e sofridas pela sociedade, sobretudo, da população jovem, em formação cognitiva, carente de afetividade e respeito, ávida por oportunidades e cheias de sonhos a serem realizados, tentando superar tantas desigualdades e preconceitos impostos a ela ao longo de gerações que também sofrem eventos em suas trajetórias.

4.2 O enfrentamento da violência no ambiente escolar: entre teorias e práticas

Diante de inúmeras situações socioculturais que colocam a escola e seu público atendido em situações de riscos, buscam-se então, ações que possam prevenir e ou enfrentar tais ações de violências. Dentre estas ações, as mais comuns e trabalhadas pelas entidades de ensino são:

- Desenvolvimento de ações de valores humanos, valorização da vida, histórias de superação, projetos culturais e esportivos, desmistificação da sexualidade e valorização da vida, participação das famílias dos estudantes em eventos promovidos pelas unidades de ensino, patrulha escolar, ações sobre a cultura de paz ou da não-violência;
- Observação e reestruturação de equipamentos de segurança, tais como grades, câmeras, alarmes;
- Obrigatoriedade do uso do fardamento escolar;

- Atendimento a alunos que sejam envolvidos em situações de violências, sendo estes atendidos e acompanhados pela equipe pedagógica interdisciplinar da unidade escolar, para desta forma garantir os primeiros atendimentos e encaminhá-los às autoridades competentes, como Conselho tutelar, por exemplo;
- Encaminhar comunicados sobre as situações de violências ocorridas com o(a) aluno(a) aos pais ou responsáveis e aos demais órgãos públicos competentes e em ordem hierárquica (de acordo com as necessidades);

Dentre estas possíveis ações de prevenção, ou de enfrentamento às violências que vêm sendo utilizados pelas unidades de ensino, tem se destacado pelo envolvimento democrático de todos os participantes nos atos violentos, a metodologia da Cultura de paz ou, como também é conhecida, Cultura de não-violência. Além dessas medidas, já adotadas em grande parte das escolas, observamos que:

A escola não tem conseguido acompanhar as profundas mudanças ocorridas na sociedade. (...), ela não convence nem atrai (...) marcada pela disciplinaridade, dificilmente prepara para viver a complexidade que caracteriza o mundo atual (ALARCÃO, 2001, p. 18).

Verificamos que Alarcão (2001, p. 20) cita ainda, Druker (1993), alertando que “a escola terá de sofrer uma mudança radical”, para justificar que de fato, para acompanhar as mudanças sociais ocorridas contemporaneamente há de ocorrerem mudanças urgentes no modo de se pensar e fazer a escola. Em sua opinião, “para mudar a escola é preciso envolver as decisões político-administrativo-pedagógicas, os alunos e os professores, os auxiliares e os funcionários, os pais e os membros da comunidade” (ALARCÃO, 2001, p. 20).

Para a mencionada autora, é preciso envolver o elemento humano, as pessoas e, através delas, mudar a cultura que se vive na escola e que ela própria inculca. E pensando nisto, Alarcão (2001) apresenta 10 ideias que podem proporcionar esta transformação no ambiente escolar. São elas:

- *A centralidade das pessoas na escola e o poder da palavra.* Neste tópico as pessoas são o sentido da escola existir. Elas têm o poder da palavra e esta é concretizada em ações neste ambiente, transformando-o;
- *Liderança, racionalidade dialógica e pensamento sistêmico.* Os líderes são os responsáveis pelo surgimento de escolas inovadoras;

- *A escola e o seu projeto próprio.* É a ação que permite e que dá liberdade da escolha pedagógica em sua metodologia de ensino e aprendizagem;
- *A escola entre o atual e o universal.* Direciona a escola a aproximar-se da comunidade na qual está inserida, mantendo, no entanto, contato com o mundo, com o instantaneamente virtual;
- *A educação para o e no exercício da cidadania.* A escola deve colaborar para o exercício da cidadania, proporcionar a compreensão e promoção do respeito ao outro em sociedade e com o meio ambiente onde este se insere;
- *Articulação político-administrativo-curricular-pedagógico.* É prioridade ocorrer “uma ambiência colaborativa e facilitadora” (ALARCÃO, 2001, p. 22), permitindo uma interrelação destas ações para a promoção de um ambiente escolar bem articulado;
- *O protagonismo do professor e o desenvolvimento da profissionalidade docente.* No ambiente escolar “os professores são atores de primeiro plano”, (op. cit., p. 23). Este papel se dá pela grande responsabilidade profissional, assumida pela função exercida na sociedade;
- *O desenvolvimento profissional na ação refletida.* Como se trata de uma atividade profissional que envolve ações diretas e direcionadas a seres humanos, torna-se conseqüentemente constante e diária a formação docente, cumulativa, envolvente e interminável, pois, a sociedade se desenvolve e evolui cada vez mais rápida;
- *Da escola em desenvolvimento e aprendizagem à epistemologia da vida da escola.* A escola em desenvolvimento acumula conhecimento ao longo de sua história e de interação com a sociedade que dela faz uso. Torna-se assim, uma construção diária e infinita;
- *Desenvolvimento ecológico de uma escola em aprendizagem.* Para cumprir parte de sua missão (promoção do conhecimento, por exemplo), a escola precisará estar em constante interação com as mudanças da sociedade e aproximando-se cada vez mais do meio ambiente e de uma forma de vida sustentável (ALARCÃO, 2001).

Assim, essas ideias apresentadas podem direcionar para a construção de uma escola reflexiva que é “uma organização escolar que continuamente se pensa a si própria, na sua missão social e na sua organização” (op. cit., p. 25). Essa

escola reflexiva busca, dessa forma, quebrar um engessamento ocorrido nas escolas nos últimos séculos.

O nome que pode ser dado a um modelo efetivo de prevenção, pelo que percebemos, é a educação integral, que deve ser dada pela família, pela escola e por outras instituições educacionais. Em outras palavras, grande parte da solução para as violências vistas e ou praticadas em ambiente escolar encontra-se dentro da própria escola e da participação de todos os integrantes diretos da escola (gestão escolar, funcionários escolares, professores, pais e ou responsáveis dos alunos, os próprios alunos) e indiretos, ou parceiros (comunidade em torno da escola, Centros Comunitários, Unidades de Saúde, Secretaria de Ação Social, de Segurança, de Transportes, Conselho Tutelar, Ministério Público), permitindo assim, o alargamento de horizontes de enfrentamento, atuação e combate as mais diversas formas de violências neste universo escolar.

5 ENTRE OS MUROS DA ESCOLA: APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE

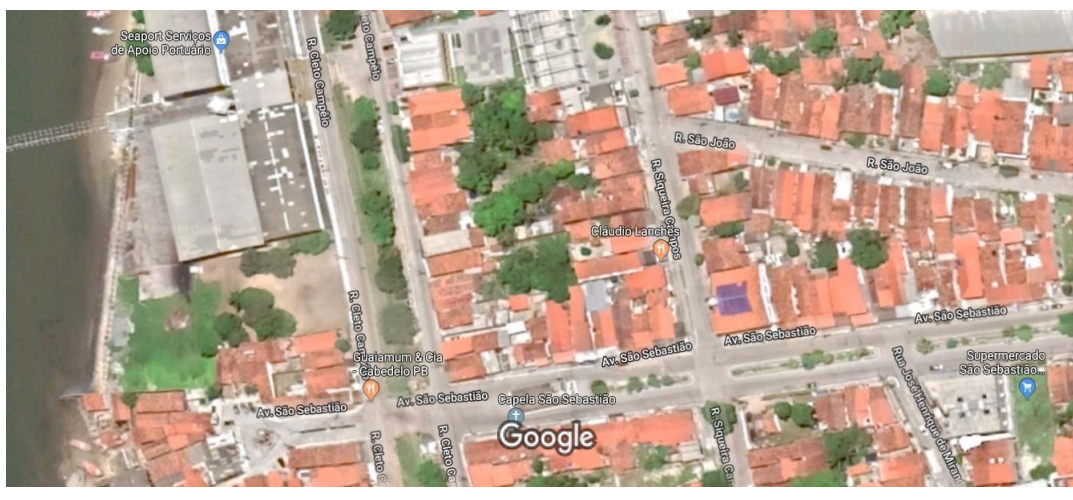
5.1 Caracterizando o ambiente escolar pesquisado

A Escola Municipal Paulino Siqueira, objeto do nosso TCC, está localizada a Rua Siqueira Campos (s/nº), com a Rua São Sebastião, no Bairro Camalaú, município de Cabedelo, Paraíba.

Escola Municipal Paulino Siqueira, Camalaú – Satélite – Imagem 01.



Escola Municipal Paulino Siqueira, Camalaú – Satélite – Imagem 02.



A escola conta com 448 alunos, no total, com três turnos, oferta o Ensino Fundamental (anos Iniciais e finais), Educação Inclusiva e EJA. Tem 95 funcionários, distribuídos em apoio com funcionários, secretaria e apoios (administrativo e gerais), com 17 funcionários, gestão e supervisão com 06 profissionais, 03 funcionários responsáveis pela portaria e mais 02 guardas civis para o turno noturno, intérprete de línguas, auxiliares de sala e cuidadores de PCDS, num total de 26 profissionais, 41 professores distribuídos nos três turnos.

A estrutura física da escola é distribuída em um prédio com 07 (sete) salas de aula, uma biblioteca, que funciona também como laboratório de informática, sala de secretaria e de diretoria, uma cozinha com área de mantimentos secos, freezers, banheiros para o alunado e para os docentes, 01 sala para professores, 02 áreas com bebedouro refrigerado.

A escola conta ainda com diversos equipamentos eletrônicos de apoio administrativo, como computadores, impressora, armários e estantes, conta também com uma sala de recursos de ensino e aprendizagem adaptados para alunos PCDS, e um pátio coberto, onde são realizadas as refeições do alunado bem como as atividades esportivas e culturais da escola.

FOTOS DA ESCOLA MUNICIPAL PAULINO SIQUEIRA, CAMALAÚ, CABEDELO - PB.



Foto 01 - Jardim e fachada lateral da escola, acesso à rua São Sebastião.

Com a Ficha de observação buscamos identificar sinais de pichação e de outras formas de violência. A partir dessa observação foi possível perceber que a escola vem mantendo uma condição e estrutura física conservada, pois, nos últimos dias passou por uma reestruturação do seu telhado acrílico (azul), bem como da estrutura metálica que a suporta, pois, a estrutura original já apresentava desgastes pela insolação - causando rachaduras neste material acrílico -, e ferrugens na estrutura metálica, devido a maresia e umidificação durante os períodos chuvosos.

Fachada lateral da escola, com o jardim. Acesso à rua São Sebastião.

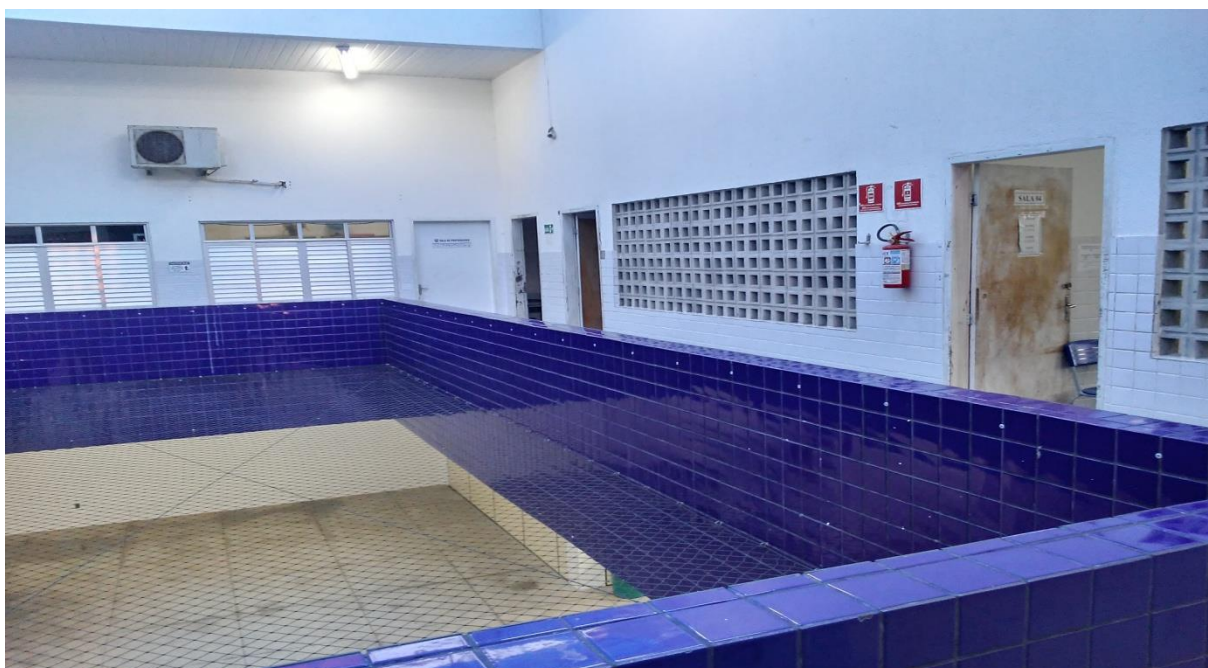


Foto 02 - Corredor do piso superior da escola com acesso às salas de aula.

Desde a sua inauguração, em 2012, obras de manutenção foram realizadas para garantir uma boa apresentação e conservação da escola, visando minimizar os aspectos de pichações. No ano passado, a colocação de grades metálicas, nas janelas das salas de aula passou a garantir uma melhor segurança para o alunado. As pichações e depredações em carteiras, cadeiras e portas são alguns dos sinais de violência mais comuns nesta escola.



Foto 03 - Cedida pela gestora escolar, Edna Maria, indicando a pichação na entrada principal da Escola Paulino Siqueira. O fato ocorreu no mês de setembro.



Foto 04 - Porta de uma das salas de aula da escola. Nesta ocorrência, a fechadura da porta também foi danificada.



Foto 05 - Pátio interno da escola.

No caso da escola Paulino Siqueira, a violência visual, causada por pichações ou demais danos ao espaço físico podem ser menores em comparação com escolas de Ensino Médio, pois, no Paulino, temos um ambiente que recebe alunos até o 9º Ano do Ensino Fundamental, e na EJA, há um número maior de alunos adultos em relação aos jovens, sendo desta forma, uma população considerada madura, inclusive, nos aspectos sociais.

5.2 Sinais de violência, entre sutilezas e evidências

O ambiente escolar deve ser o espaço de reprodução de conhecimentos, de auxílio na leitura e escrita, de permitir que se desenvolvam habilidades e diversões para crianças, jovens e adultos, das relações pessoais e de construção de afetividade e de amizades. No entanto, ocorrem - infelizmente -, também agressões, práticas de intolerância, de violências diversas. Conforme afirma Chaves (2014, p. 26):

A escola é espaço de construção de saberes, de convivência e socialização. Crianças e adolescentes buscam, no sistema escolar, desenvolver suas habilidades, expandir relações sociais, realizar e construir desejos, impulsos que colaboram na formação de identidades. Mas a escola é também locus de produção e reprodução de violências nas suas mais variadas formas. Atualmente, verifica-se com maior nitidez uma tensão entre o sistema escolar e as expectativas dos jovens. São vários os fatores que contribuem para a singularidade dos conflitos e das violências no cotidiano escolar.

Seguindo o entendimento anteriormente citado, para Chaves (2014), a violência que tem sido crescente e, complementando sobre a participação da mídia enquanto divulgadora das ocorrências de violência nas escolas, Santos (2009, p. 249) corrobora que:

A violência vem sendo frequentemente abordada em programas de televisão e reportagens em revistas e jornais que além de relatarem fatos, propõem discussões sobre o assunto. As escolas têm participando desta luta abordando situações que ocorrem tanto fora como dentro do ambiente de aprendizagem.

De fato, as citações anteriormente, Chaves (2014) e Santos (2009), já evidenciavam, cada qual em seus momentos, problemas enfrentados no dia a dia pelos docentes ou alunos nas escolas públicas e particulares, tenham sido elas no Brasil ou em Portugal, ou em qualquer parte do planeta, onde haja um ambiente escolar.

5.3 A educação na solução de conflitos e de construção de relações de respeito

Dentro da coleta de dados, aplicamos um Questionário (Anexo II), com a Supervisora Escolar, que será representada pelas letras iniciais do seu nome (I. C.). A partir de suas respostas foi possível constatar que tanto alunos como professores concebem a escola como ambiente de trabalho. Para os estudantes são as avaliações, as leituras que realizam nas aulas.

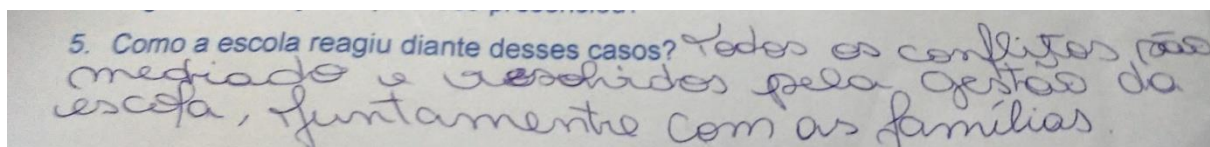
Na opinião de I. C., foi possível verificar que a escola possui um ambiente de convivência e cooperação entre os estudantes, professores e demais profissionais. Não opinião dela, há sempre de alguma forma a cooperação entre todos eles. E a convivência é dinâmica, ocorrem conflitos entre os alunos, mas se entendem em seguida, deixam de falar um com ou outro num primeiro momento, mas depois estão

amigos novamente, e é assim, um constante olhar e cuidado da nossa parte, interagindo sempre.

Quando perguntada sobre:

5. Como a escola reagiu diante destes casos (de violência na escola)?

Resposta: Todos os conflitos são mediado e resolvidos pela gestão da escola, juntamente com as famílias.



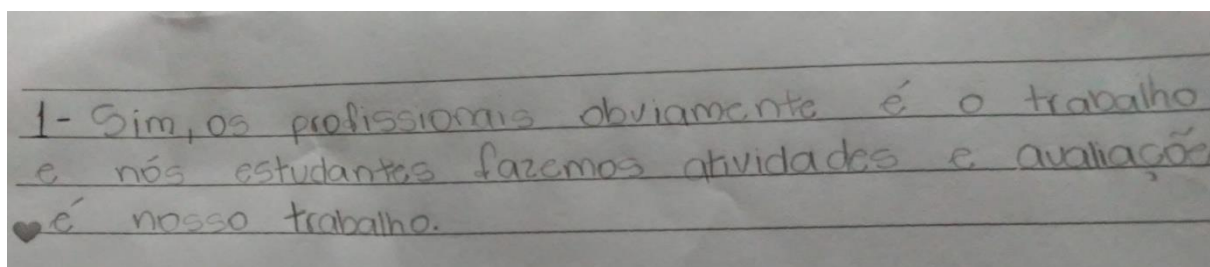
Foi aplicado também um Questionário contendo 05 (cinco) perguntas aos(as) alunos dos 6º e 7º Anos (Anexo I). A partir das respostas foi possível perceber que, também na opinião dos 22 alunos pesquisados, a escola é um ambiente de trabalho, e estes trabalhos se identificam através das avaliações, das leituras, pesquisas realizadas, elaboração de seminários, prática de educação física, entre outros.

Algumas das respostas apresentadas pelos alunos através do Questionário são estas:

Na opinião de S. M., aluna do 7º Ano C (tarde), quando perguntada sobre:

1. A escola é percebida pelos estudantes e profissionais como um ambiente de trabalho?

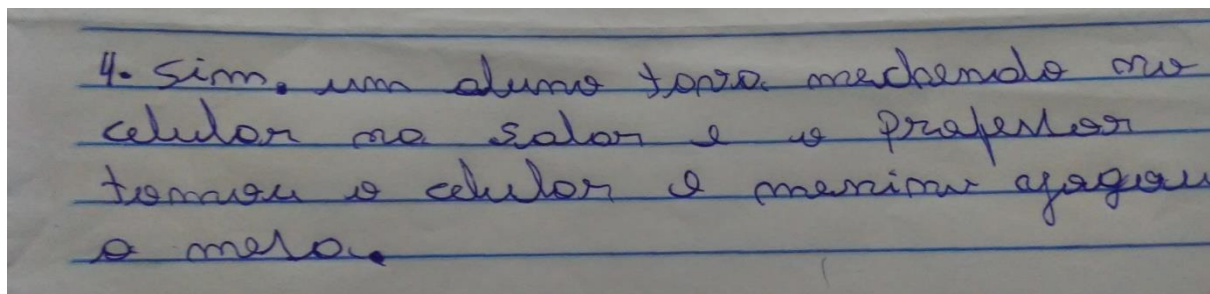
Resposta: Sim, os profissionais obviamente é o trabalho deles, e nós estudantes fazemos atividades e avaliações que é nosso trabalho.



Na opinião de L. S., aluno do 7º Ano D (tarde), quando perguntado sobre:

4. Você já presenciou ou percebeu algum tipo de violência na escola? Descreva algumas situações que você presenciou?

Resposta: Sim. um aluno tava mechendo no celular na sala e o professor tomou o celular o menino jogou a mesa.



Para a totalidade dos estudantes que participaram do Questionário (22), a escola é também um ambiente de cooperação e de convivência, e estas práticas são percebidas por eles (alunos) no dia a dia, por meio de simples ações como ajudar as professoras a transportarem os livros de uma sala para outra, na colaboração entre eles (alunos) durante a realização de atividades textuais, por exemplo.

Para todos os alunos partícipes da pesquisa, os conflitos são resolvidos com a interferência da Direção (gestão) escolar. Através dela, os alunos que participaram de alguma forma de episódios de violência, são chamados e ouvidos por esta gestão e, também os responsáveis (mães e pais) por estes alunos são convidados a virem à escola para tratarem juntos, a ocorrência.

Segundo as respostas obtidas, 22 alunos respondentes, 91% já testemunharam algum tipo de violência. Para 20, dos 22 alunos, as ocorrências foram apenas agressões verbais; para 02, dos 22 entrevistados, nunca houve violência na escola; para 20, dos 22 que viram violência na escola, estas ocorrências foram apenas “brigas”, que envolvem acusações verbais acompanhadas de “palavrões”, e empurra-empurras; para 02, dos 20, que viram violências, houve troca de agressões físicas (tapas, socos, puxões de cabelos, quando em brigas envolvendo meninas).

Segundo os estudantes, a Direção (gestão escolar) sempre resolveu os casos de violência sendo, desde advertências “faladas”, na maioria dos eventos a convites aos pais, ou responsáveis para participarem dos diálogos de superação de conflitos e, em últimos casos, as Suspensões temporárias - de 03 a 05 dias afastado da escola -, na minoria dos casos.

No intuito de contribuir para que um ambiente - neste caso, o escolar -, possa atender seu público, respeitando as diferenças culturais, sociais e até políticas que há entre seus partícipes, este ambiente conta com uma equipe de profissionais, de funcionários que, cada um em suas respectivas funções possa desempenhar da melhor forma possível suas atribuições, suas responsabilidades.

Neste sentido, gestoras, supervisoras, docentes e demais profissionais articulam e desenvolvem atividades para o alunado e estes, ao participarem destas atividades possam promover ações que consolidem um ambiente escolar capaz de produzir resultados positivos para esta geração de aprendentes e para a sociedade de uma forma geral, que este tempo, nesta escola, seja capaz de capacitá-lo para ações que favoreçam na construção de uma sociedade cada vez mais justa, equânime.

Desta forma, ações simples como o diálogo entre alunos e demais profissionais escolares colabora para a solução de conflitos, reforçando a importância da promoção de um ambiente não violento, procurando compreender as partes envolvidas nas discussões e tentando reestabelecer, se não amizades que por ventura tenham sido desfeitas, mas, ao menos o respeito mútuo entre as partes. Esta é uma das ações do que estabelece a metodologia da Justiça Restaurativa, o de promover condições para que sejam criados ambientes não violentos.

Dentro deste ambiente escolar, e como em toda a sociedade, há necessidades de controle social, de regras a serem compreendidas, orientadas para que o alunado e os demais integrantes sejam partícipes este processo, o que colaborará para a construção de um ambiente ordeiro, de não violência e onde todos se beneficiem dele.

Para isto, para este bom funcionamento, são trabalhadas atividades e orientações acerca destas regras. No caso da escola, em períodos de matrícula ou rematrícula, os responsáveis pelo alunado recebem orientações por parte da Gestão escolar em concordância e auxílio da supervisão escolar no tocante as questões de disciplinamento dentro da escola, este, será o norteador do convívio escolar, permitindo que todos que dele usufruam, possam gozar de bem-estar, segurança, além do compartilhamento do conhecimento.

Muitas ações são estudadas, no sentido de organizar administrativamente o ambiente escolar, sejam na criação de regras, de medidas educativas para colaborarem com uma melhor convivência das pessoas que usam este ambiente

escolar, algumas delas vão desde alertas simples, as chamadas orientações, passando por períodos de suspensão de alguns dias, chegando até a convocação dos responsáveis pelo aluno, para comunicarem da necessidade de convidá-los para transferirem o aluno para outra unidade escolar.

É evidente que nenhuma atitude de transferência de aluno é desejada por nenhum corpo docente escolar. Desta forma, se dá a importância de atividades constantes de cidadania desenvolvidas pelas escolas que visam promover orientações, diálogos e atividades diversas, que construam ao longo do ano letivo ações que reforcem a boa relação entre as pessoas, motivem o respeito a todos que deste ambiente escolar façam uso, bem como do conhecimento nele adquirido, sendo perpetuado fora do ambiente escolar, inclusive. Nesse sentido, alguns passos são indispensáveis:

Integração da escola com a família e a comunidade; promover e estimular ações pedagógicas; valorizar o diálogo; necessidade de práticas educativas para favorecer a prevenção e diminuição da violência; contribuição do Estado e sociedade (PRIOTTO, 2008, p. 135-137).

Nessa perspectiva, se faz necessário além de medidas preventivas, ações para solucionar os casos que ‘saíram’ do controle. Aqueles que precisam de reforço quanto ao respeito ao próximo, casos referentes às atividades cotidianas, respeito às diferenças étnicas, sociais, de gênero entre outros. Nesse aspecto, a escola precisa empreender cada vez mais nas Práticas restaurativas, pois sabemos que:

As práticas restaurativas da escola ajudam a desenvolver um conjunto de valores e habilidades baseadas no respeito, na igualdade e na dignidade de todas as pessoas; criam estruturas adequadas para que todos analisem e compreendam as diferenças entre os indivíduos; ajudam a quebrar estereótipos e preconceitos; permitem às crianças e aos jovens (re)descobrirem a autoestima e o valor que eles dão a si mesmos, a suas famílias e ao mundo (NUNES, 2011, p. 08).

Seguindo o entendimento de Nunes (2011), compreendemos a importância das Práticas da Justiça Restaurativa, que passaram a ser utilizadas por volta de 1977, pelo psicólogo Albert Eglash – embora já tenha sido utilizado ainda na Roma Antiga, por meio da Lei das Doze Tábuas, e ainda antes, com o Código de Hamurabi. Esta prática tem como principais objetivos:

- Reparar danos causados;

- Buscar soluções pacíficas para conflitos e tensões sociais, com a participação, inclusive, da comunidade;
- Integrar pessoas além dos rótulos de vítima, ofensor e testemunha, possibilitando o desenvolvimento de ações construtivas que beneficiem a todos;
- Dar oportunidade à vítima de expor seus sentimentos e percepções referentes ao dano sofrido, dizer qual o impacto que o trauma causou a si de modo a provocar, inclusive, além de sua restauração, uma atitude reflexiva e reparadora do ofensor;
- Restaurar o senso de justiça;
- Aproximar todos os envolvidos, com um plano de ações que objetive a restauração de laços sociais, reparar danos causados, bem como gerar compromissos futuros mais harmônicos (NUNES, 2011).

No Brasil, órgãos competentes para a realização dessas atividades, a exemplo do Ministério Público, têm atuado na tentativa de tornar esta prática como atividade regular, pois nos projetos já desenvolvidos têm-se observado um efetivo resultado, bastante positivo das ações, sendo solucionados em boa parte, com a participação ativa de todos os envolvidos em questão, entrando estes envolvidos em diálogo assistido, contribuindo para que sejam tomadas decisões voltadas a atenderem boa parte das expectativas das partes envolvidas.

Assim, o ambiente escolar é construído a cada instante, seja por ser naturalmente um espaço de diferenças, de agregar culturas, de socializar amizades, de criar coisas fantásticas e que maravilham crianças a adultos levando as ao letramento, que passa pelos problemas sociais e particulares de cada um integrante dele participante, colaboradores, cada um a sua maneira, para a sua própria construção.

Portanto, é na luta diária contra o analfabetismo, o desconhecido, a fome, na luta contra o bullying e todas as demais formas de violência que se fazem os dias de todos os participantes nesse tão importante ambiente escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter escolhido este tema para apresentar, na defesa deste TCC me permitiu um amadurecimento acerca da complexa problemática que ele envolve, pois, são os aspectos culturais, sociais, familiares que influenciam no comportamento e desenvolvimento cognitivo e comportamental das crianças e adolescentes que frequentam nossas escolas diariamente em todo o mundo.

Desenvolver esta pesquisa na Escola Paulino Siqueira, em Cabedelo-PB, me proporcionou uma experiência ímpar. É oportuno salientar que as atividades realizadas e desenvolvidas em ambiente escolar são também um momento de troca de experiências com os demais colegas de profissão, o alunado e os demais profissionais, que deste ambiente fazem parte.

Tendo como objetivo geral o de analisar práticas de violência e não-violência observadas em uma escola pública da cidade de Cabedelo-PB, foram estudadas as eventuais causas destes distúrbios comportamentais bem como de sugestões possíveis para estas ocorrências diárias.

Assim, foi necessária a compreensão dos fatores considerados mais comuns como desencadeantes da violência escolar, também no diagnóstico do que os estudantes entendem por práticas de violência e de respeito ao outro e, na análise de algumas práticas desenvolvidas cotidianamente pelos(as) membros da escola com relação ao enfrentamento das violências praticadas.

As respostas encontradas nos questionários deram um indício de um ambiente menos violento do que se imaginava. Apartir das observações e dos resultados dos questionários, foi visto também que as agressões - consideradas mais “intensas” entre os alunos envolvidos nos conflitos -, tiveram uma aproximação através de práticas restaurativas promovidas pela gestão escolar na busca por uma solução dos conflitos iniciados por estes mesmos estudantes, o que comprova a eficiência/aceitação da metodologia restaurativa aplicada.

As vivências aqui ocorridas, neste período, colaboraram para que o estudo, as observações compartilhadas através dos questionários pudessem ser concluídas a tempo e com respostas que permitiram a construção de resultados satisfatórios no que diz respeito às ações que possam ser levadas como práticas e soluções possíveis para tantos conflitos surgidos no dia a dia de um ambiente escolar.

O ambiente escolar deve ser o espaço de reprodução de conhecimentos, de auxílio na leitura e escrita, de permitir que se desenvolvam habilidades e diversões para crianças, jovens e adultos, das relações pessoais e de construção de afetividade e de amizades, conforme afirma Chaves (2014, p. 26), “a escola é espaço de construção de saberes, de convivência e socialização [...]”.

A observação científica – por natureza própria -, é dotada de inquietações, de questionamentos constantes, sempre busca por mais respostas para uma sociedade com anseios cada vez mais instantâneos.

Dessa forma, entendo que os resultados obtidos neste trabalho carecem de mais estudos, pois, a cada instante uma nova geração de alunos entra pelos portões das escolas, com necessidades diversas, gerada por famílias e/ou mantida por outros responsáveis carentes de conhecimentos, atingida ainda, pelo aumento da desigualdade social, passível de situações que possam colocá-la em riscos constantes.

Este momento é também oportuno para reiterar a importância da Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia – Modalidade a Distância, pela UFPB, e da felicidade que a conclusão deste curso tem me proporcionado. Não me sentia completo como professor, sem esta Graduação. O ‘olhar’ pedagógico, o senso crítico, a sensibilidade que o curso de Licenciatura em Pedagogia promove e molda o aprendente é essencial para o desenvolvimento e formação de um profissional qualificado para uma sociedade em constante mudança, é o alicerce fundamental na carreira docente. É, sobretudo, enriquecedor.

7 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (Org.). **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, Rede Pitágoras. Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fund. Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

CHAVES, Fabiana M. R. Escola e violência sob a ótica da sociologia. In: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**. Vol. 6 nº 12, dez. de 2014. Disponível em: <https://www.rbhcs.com/rbhcs/article/viewFile/212/206>. Acesso em: 16 mar. 2019.

ENCICLOPÉDIA JURÍDICA DA PUCSP. **Justiça restaurativa** - Disponível em: <https://enciclopediajuridica.pucsp.br/verbete/138/edicao-1/justica-restaurativa>.

GOOGLE MAPS. Imagens: Disponível em: C:\Users\Carlos1\Documents\Downloads\<<https://www.google.com.br/maps/place/Camalaú,+Cabedelo+-+PB/@-6.9814266,-34.833378,18z/data=!4m5!3m4!1s0x7ad2076fdd87d7d:0xbdca>. Acesso em: 16 mar. 2019.

GOOGLE MAPS. Imagens: Disponível em: C:\Users\Carlos 1\Documents\Downloads\<<https://www.google.com.br/maps/place/Camala%C3%BA,+Cabedelo+-+PB/@-6.9797757,-34.836444,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x7ad2076fd87d7d:0xbdca59e18feafec!8m2!3d-6.9797642!4d-34.8336993>. Acesso em: 16 mar. 2019.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NUNES, Antônio Ozório. **Como restaurar a paz nas escolas**: um guia para educadores - São Paulo: Contexto, 2011. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?isbn=8572446664>. Acesso em: 16 mar. 2019.

PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler; CHUNG, Wu Feng. **Violência escolar**: políticas públicas e práticas educativas. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná-Curitiba, 2008. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PPRf58b0812689cdd6df64ee5ba2621271c>. Acesso em: 16 mar. 2019.

SANTOS, Andréia M.; GROSSI, Patrícia K. Desvendando o fenômeno bullying nas escolas públicas de Porto. Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Brasil. In: **Revista Portuguesa de Educação**. ISSN 0871-9187, v. 22, n. 2. Braga, 2009. Disponível em: C:\Users\Carlos1\Documents\Downloads\<<https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/13973/10556>. Acesso em: 16 mar. 2019.

ANEXO I - PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO DESTINADO AO ALUNADO.

As perguntas dos questionários, com pequenas alterações conforme os respondentes, foram as seguintes:

1. A escola é percebida pelos estudantes e profissionais como um ambiente de trabalho?
2. É possível verificar um ambiente de convivência e cooperação entre os estudantes, professores e demais profissionais?
3. Como os conflitos entre os estudantes são administrados?
4. Você já presenciou ou percebeu algum tipo de violência na escola? Descreva algumas situações que você presenciou.
5. Como a escola reagiu diante desses casos?

Para o Questionário aplicado entre os alunos, inserimos algumas questões com o objetivo de identificar os respondentes quanto a idade, sexo, série, anos de permanência na escola, bairro em que mora.

ANEXO II - PERGUNTAS DO QUESTIONÁRIO PARA A SUPERVISORA ESCOLAR.

As perguntas do Questionário para a Supervisora foram as seguintes:

1. A escola é percebida pelos estudantes e profissionais como um ambiente de trabalho?
2. É possível verificar um ambiente de convivência e cooperação entre os estudantes, professores e demais profissionais?
3. Como os conflitos entre os estudantes são administrados?
4. Você já presenciou ou percebeu algum tipo de violência na escola? Descreva algumas situações que você presenciou.
5. Como a escola reagiu diante desses casos?

ANEXO III - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Declaro, por meio deste termo, que concordei em ser entrevistado(a) e participar da pesquisa de campo referente ao Projeto de pesquisa intitulada: _____ desenvolvida pela pesquisador _____, a quem poderei contactar/consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº () _____ ou e-mail: _____

Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais busca investigar processos de formação docente.

Fui também esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Educação, do Ministério da Educação.

Minha colaboração se fará de forma anônima por meio de _____. O acesso e a análise dos dados coletados se farão pelo pesquisador. Fui ainda informado(a) de que posso me retirar desse(a) estudo/pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

_____, ____/____/____

Assinatura do(a) participante: _____